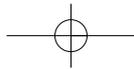
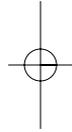
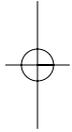
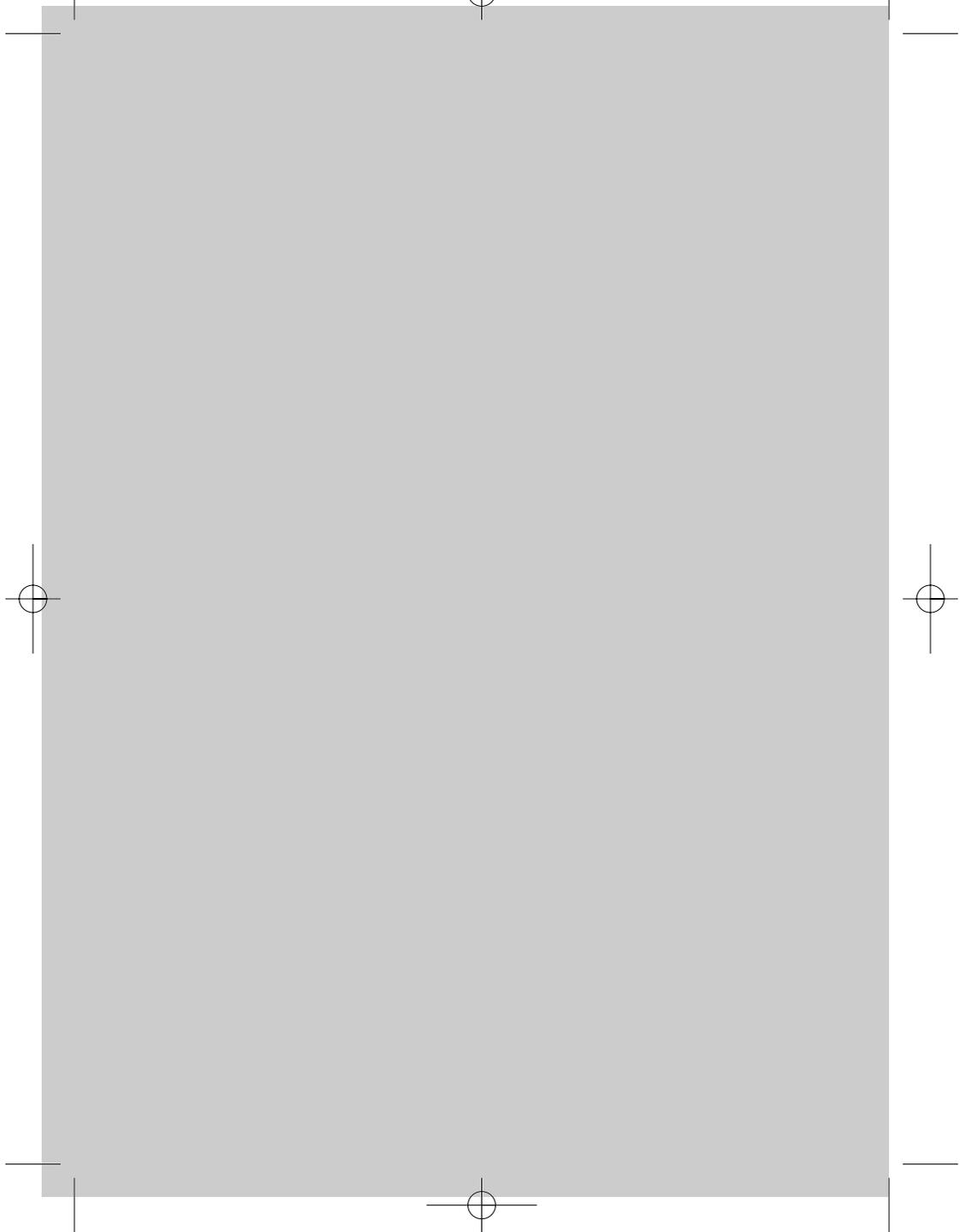


O LIVRO DOS ESPÍRITOS





Filosofia Espiritualista

O LIVRO DOS
ESPÍRITOS

CONTÉM

OS PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA, A NATUREZA DOS ESPÍRITOS
E SUAS RELAÇÕES COM OS HOMENS, AS LEIS MORAIS, A VIDA PRESENTE,
A VIDA FUTURA E O PORVIR DA HUMANIDADE

SEGUNDO O ENSINAMENTO DADO PELOS ESPÍRITOS SUPERIORES
COM O AUXÍLIO DE DIVERSOS MÉDIUNS

Recebidos e coordenados por

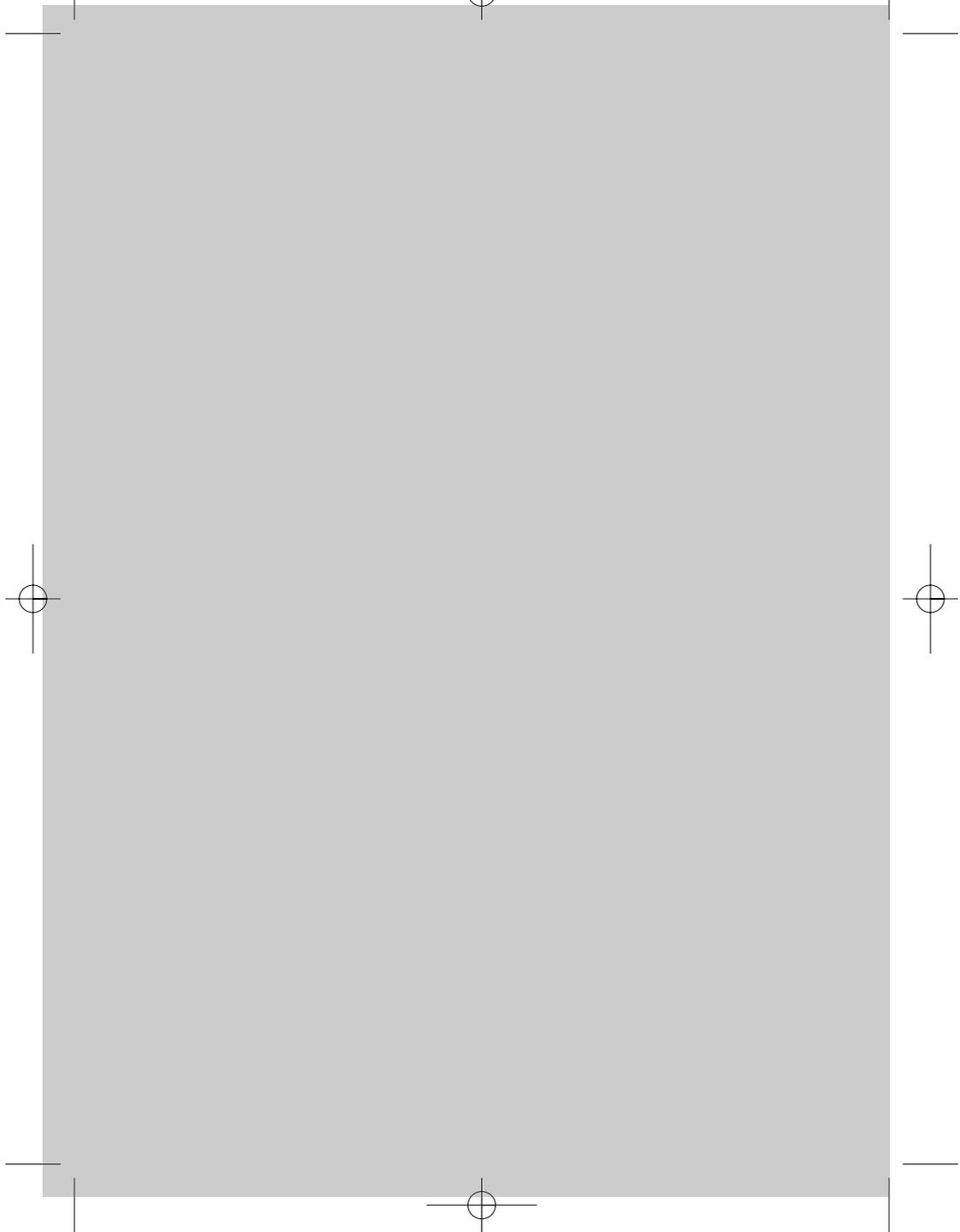
Allan Kardec



Tradução de Evandro Noleto Bezerra



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	17
<i>Aviso sobre esta nova edição</i>	21
<i>Introdução ao estudo da Doutrina Espírita</i>	23
<i>Prolegômenos</i>	69

LIVRO PRIMEIRO

Causas Primeiras

CAPÍTULO I – DEUS

Deus e o infinito	77
Provas da existência de Deus	78
Atributos da Divindade	80
Panteísmo	82

CAPÍTULO II – ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO

Conhecimento do princípio das coisas	85
Espírito e matéria	86

Propriedades da matéria	90
Espaço universal	92

CAPÍTULO III – CRIAÇÃO

Formação dos mundos	95
Formação dos seres vivos	97
Povoamento da Terra. Adão	99
Diversidade das raças humanas	100
Pluralidade dos mundos	101
Considerações e concordâncias bíblicas referentes à Criação	102

CAPÍTULO IV – PRINCÍPIO VITAL

Seres orgânicos e inorgânicos	107
A vida e a morte	109
Inteligência e instinto	111

LIVRO SEGUNDO

Mundo Espiritual ou dos Espíritos

CAPÍTULO I – ESPÍRITOS

Origem e natureza dos Espíritos	117
Mundo normal primitivo	120
Forma e ubiqüidade dos Espíritos	121

Perispírito	123
Diferentes ordens de Espíritos	124
Escala espírita	126
Progressão dos Espíritos	136
Anjos e demônios	141

CAPÍTULO II – ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Objetivo da encarnação	145
A alma	146
Materialismo	153

CAPÍTULO III – RETORNO DA VIDA CORPORAL À VIDA ESPIRITUAL

A alma após a morte. Sua individualidade.	
Vida eterna	157
Separação da alma e do corpo	160
Perturbação espiritual	164

CAPÍTULO IV – PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

Reencarnação	167
Justiça da reencarnação	169
Encarnação nos diferentes mundos	170
Transmigração progressiva	178
Sorte das crianças depois da morte	183

Sexos nos Espíritos	185
Parentesco, filiação	186
Semelhanças físicas e morais	188
Idéias inatas	192

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE
DAS EXISTÊNCIAS

195

CAPÍTULO VI – VIDA ESPIRITUAL

Espíritos errantes	209
Mundos transitórios	213
Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos	216
Ensaio teórico sobre a sensação dos Espíritos	222
Escolha das provas	230
Relações de além-túmulo	240
Relações de simpatia e de antipatia entre os Espíritos.	
Metades eternas	245
Lembrança da existência corporal	249
Comemoração dos mortos. Funerais	255

CAPÍTULO VII – RETORNO À VIDA CORPORAL

Prelúdios do retorno	259
União da alma e do corpo. Aborto	264
Faculdades morais e intelectuais	269
Influência do organismo	271

Idiotismo, loucura	274
Infância	278
Simpatias e antipatias terrenas	282
Esquecimento do passado	284

CAPÍTULO VIII – EMANCIPAÇÃO DA ALMA

O sono e os sonhos	29I
Visitas espíritas entre pessoas vivas	299
Transmissão oculta do pensamento	30I
Letargia, catalepsia, mortes aparentes	302
Sonambulismo	304
Êxtase	309
Dupla vista	3II
Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista	3I4

CAPÍTULO IX – INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL

Penetração dos Espíritos em nossos pensamentos	322
Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos	323
Possessos	327
Convulsionários	330
Afeição dos Espíritos por certas pessoas	332
Anjos da guarda, Espíritos protetores, familiares ou simpáticos	334

Presentimentos	349
Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida ...	350
Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da Natureza ...	356
Os Espíritos durante os combates	358
Pactos	361
Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros	362
Bênção e maldição	365

CAPÍTULO X – OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS
ESPÍRITOS

367

CAPÍTULO XI – OS TRÊS REINOS

Os minerais e as plantas	379
Os animais e o homem	382
Metempsicose	392

LIVRO TERCEIRO

Leis Morais

CAPÍTULO I – LEI DIVINA OU NATURAL

Características da lei natural	399
Origem e conhecimento da lei natural	401
O bem e o mal	405
Divisão da lei natural	411

CAPÍTULO II – I. LEI DE ADORAÇÃO

Objetivo da adoração	413
Adoração exterior	414
Vida contemplativa	416
Prece	416
Politeísmo	421
Sacrifícios	423

CAPÍTULO III – II. LEI DO TRABALHO

Necessidade do trabalho	427
Limite do trabalho. Repouso	430

CAPÍTULO IV – III. LEI DE REPRODUÇÃO

População do globo	433
Sucessão e aperfeiçoamento das raças	434
Obstáculos à reprodução	436
Casamento e celibato	437
Poligamia	438

CAPÍTULO V – IV. LEI DE CONSERVAÇÃO

Instinto de conservação	439
Meios de conservação	440
Gozo dos bens terrenos	443
Necessário e supérfluo	445
Privações voluntárias. Mortificações	446

CAPÍTULO VI – V. LEI DE DESTRUIÇÃO

Destruição necessária e destruição abusiva	451
Flagelos destruidores	454
Guerras	457
Assassínio	458
Crueldade	460
Duelo	462
Pena de morte	463

CAPÍTULO VII – VI. LEI DE SOCIEDADE

Necessidade da vida social	467
Vida de isolamento. Voto de silêncio	468
Laços de família	470

CAPÍTULO VIII – VII. LEI DO PROGRESSO

Estado de natureza	471
Marcha do progresso	472
Povos degenerados	476
Civilização	481
Progresso da legislação humana	483
Influência do Espiritismo no progresso	484

CAPÍTULO IX – VIII. LEI DE IGUALDADE

Igualdade natural	489
Desigualdade das aptidões	490

Desigualdades sociais	491
Desigualdade das riquezas	492
Provas da riqueza e da miséria	494
Igualdade dos direitos do homem e da mulher	495
Igualdade perante o túmulo	497

CAPÍTULO X – IX. LEI DE LIBERDADE

Liberdade natural	499
Escravidão	500
Liberdade de pensar	502
Liberdade de consciência	503
Livre-arbítrio	505
Fatalidade	507
Conhecimento do futuro	516
Resumo teórico do móvel das ações do homem	518

CAPÍTULO XI – X. LEI DE JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE

Justiça e direitos naturais	525
Direito de propriedade. Roubo	528
Caridade e amor ao próximo	530
Amor materno e filial	533

CAPÍTULO XII – PERFEIÇÃO MORAL

As virtudes e os vícios	535
Paixões	542

Egoísmo	545
Características do homem de bem	549
Conhecimento de si mesmo	551

LIVRO QUARTO

Esperanças e Consolações

CAPÍTULO I – PENAS E GOZOS TERRENOS

Felicidade e infelicidade relativas	557
Perda dos entes queridos	565
Decepções. Ingratidão. Afeições destruídas	567
Unões antipáticas	569
Temor da morte	571
Desgosto da vida. Suicídio	572

CAPÍTULO II – PENAS E GOZOS FUTUROS

O nada. Vida futura	582
Intuição das penas e gozos futuros	583
Intervenção de Deus nas penas e recompensas	584
Natureza das penas e gozos futuros	586
Penas temporais	596
Expição e arrependimento	599
Duração das penas futuras	604
Ressurreição da carne	613

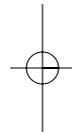
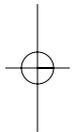
Paraíso, inferno, purgatório. Paraíso perdido.

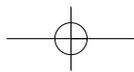
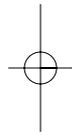
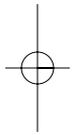
Pecado original 616

Conclusão 623

Errata 643

Índice Geral 645





APRESENTAÇÃO

Com base nos originais franceses existentes na Biblioteca de Obras Raras da Federação Espírita Brasileira, e fruto de dedicado trabalho de pesquisa e de tradução do nosso companheiro de ideal, Evandro Noletto Bezerra, esta *Edição Especial de O Livro dos Espíritos*, publicada pela FEB, foi traduzida a partir da segunda impressão da 2ª edição francesa, de 1860 (arquivada e registrada na Biblioteca Nacional da França – BNF nº R-39908) – *texto básico* – com alguns acréscimos, supressões e modificações feitos por Allan Kardec: na 4ª edição, de 1860; na 5ª edição, de 1861 (BNF nº R-39909); na 6ª edição, de 1862; na 10ª edição, de 1863 (BNF nº R-39912); e na 12ª edição, de 1864. Essas alterações acham-se claramente definidas e explicadas pelo tradutor ao longo das páginas correspondentes deste livro, sob a forma de notas de rodapé. Na seqüência da 12ª edição do original francês, incluindo a 13ª, de 1865 (BNF nº R-39914) e durante todo o restante período em que Allan

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Kardec esteve encarnado, não consta ter havido qualquer outra modificação, o que torna definitiva essa 12ª edição.

Procurando reunir os registros históricos relacionados com as publicações originais de *O Livro dos Espíritos* a partir da segunda impressão da sua 2ª edição e, assim, atendendo aos naturais interesses dos leitores empenhados nos estudos cada vez mais aprofundados da Doutrina Espírita, estão sendo incluídos nesta Edição Especial:

- a) O **Aviso** introdutório, em que Allan Kardec faz uma apreciação da obra, destacando as diferenças entre a 1ª e a 2ª edição do livro, sobretudo o aumento considerável do número de perguntas de 501 para 1019, *Aviso* esse que não tem sido incluído em edições brasileiras e francesas, apesar de ter sido mantido em todas as edições publicadas por Kardec enquanto encarnado;
- b) A **Nota** explicativa que se segue aos “Prolegômenos”, por meio da qual Allan Kardec informa que o livro só foi publicado depois de ter sido cuidadosamente revisto e corrigido pelos próprios Espíritos, inclusive as observações e comentários que foram aditados ao texto pelo Codificador, *Nota* esta que deixou de ser publicada a partir da 10ª edição francesa de 1863;
- c) A **Errata** que se encontra na última página do livro, *Errata* que só apareceu na 5ª edição francesa, de 1861, não tendo sido incorporada ao texto do livro nas edições posteriores, salvo a supressão da expressão “e intuitiva”, na resposta à pergunta nº 586, constatada a partir da 10ª edição francesa, de 1863.

Esta *Edição Especial* está sendo publicada pela Federação Espírita Brasileira como parte das comemorações pelo transcurso, em 18 de abril de 2007, do Sesquicentenário do lança-

APRESENTAÇÃO

mento de *O Livro dos Espíritos*, cuja primeira edição ocorreu em 18 de abril de 1857, em Paris, França.

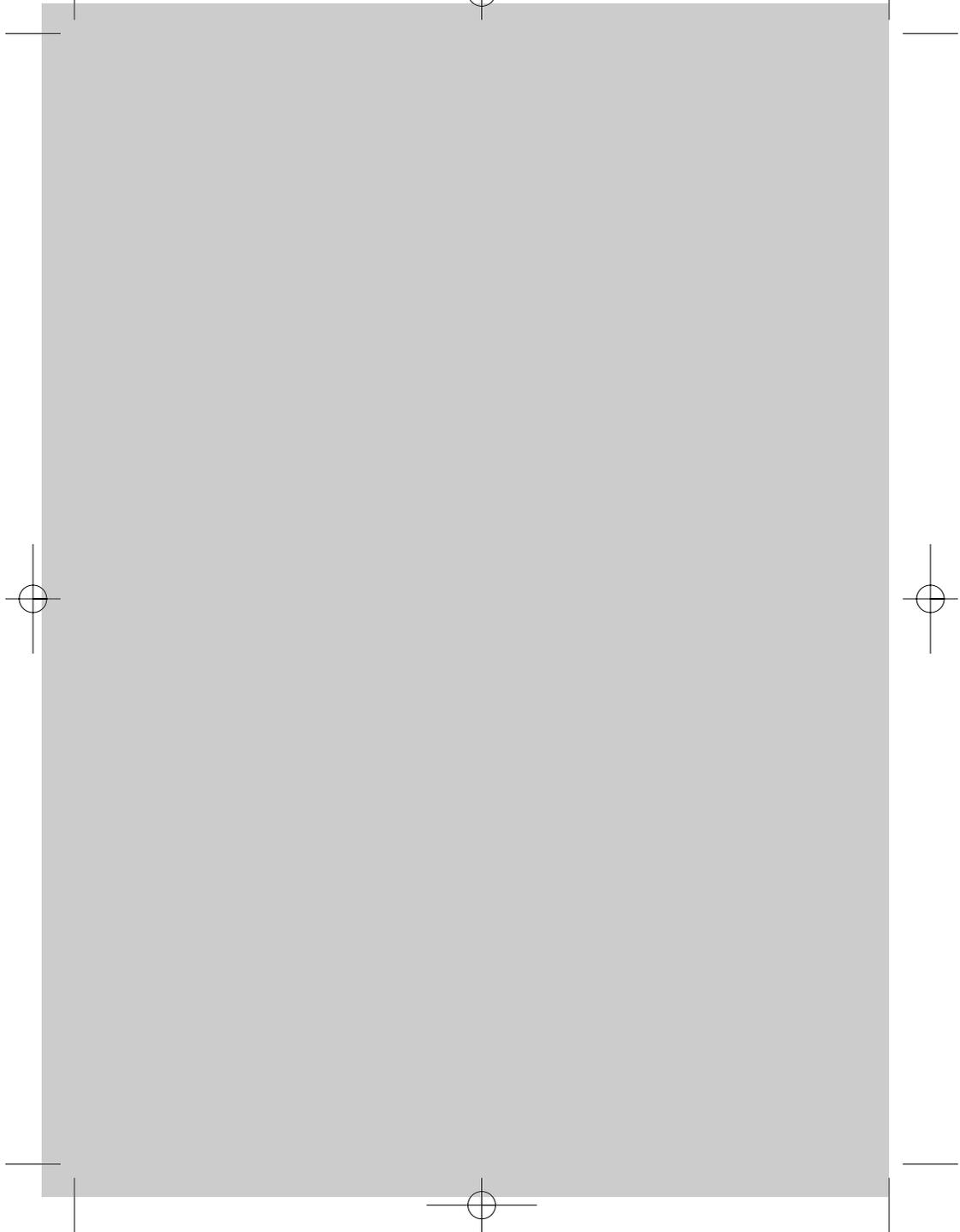
Na oportunidade dessas comemorações, manifestamos, ainda, a nossa sincera e profunda gratidão aos Espíritos Superiores que coordenaram e realizaram a nobre tarefa de trazer para a Humanidade a Doutrina Espírita, gratidão que se estende, naturalmente, ao Espírito Iluminado que a codificou, cujo papel principal foi o de materializar, na Terra, o Consolador prometido por Jesus Cristo, lançando “as bases do novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade”,¹ “abrindo uma Nova Era para a regeneração da Humanidade”.²

Brasília, novembro de 2006

A EDITORA

¹ Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos*, “Prolegômenos”.

² *Idem, ibidem.*



AVISO

SOBRE ESTA NOVA EDIÇÃO³

*N*a primeira edição desta obra havíamos anunciado uma parte suplementar. Deveria constituir-se de todas as questões que não encontraram lugar naquela edição, ou que circunstâncias ulteriores e novos estudos tivessem ocasionado. Como, porém, são todas relativas a uma ou outra das partes já tratadas, das quais são o desdobramento, sua publicação isolada não teria apresentado nenhuma seqüência. Preferimos esperar a reimpressão do livro para fundir tudo conjuntamente, aproveitando, para conferir à distribuição das matérias, uma ordem muito mais metódica e suprimindo, ao mesmo tempo, tudo quanto estava repetido.

³ **N. do T.:** Para realçar a diferença existente entre a 1^a edição [1857] e a 2^a edição [1860] de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec elaborou este *Aviso* elucidativo, excluído até agora de todas as traduções brasileiras.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Esta reimpressão pode, pois, ser considerada obra nova, embora os princípios não hajam sofrido nenhuma alteração, salvo pequeníssimo número de exceções, que são antes complementos e esclarecimentos do que verdadeiras modificações. Esta conformidade nos princípios emitidos, a despeito da diversidade das fontes em que os recolhemos, é um fato importante para o estabelecimento da ciência espírita. Nossa correspondência nos mostra claramente que comunicações idênticas em todos os pontos, se não quanto à forma, ao menos quanto ao fundo, foram obtidas em diferentes localidades, e isso mesmo antes da publicação do nosso livro, o qual veio confirmá-las e dar-lhes um corpo regular. A História, por sua vez, comprova que a maioria desses princípios foi professada pelos mais eminentes homens dos tempos antigos e modernos, trazendo a eles, desse modo, a sua sanção.

O ensino relativo às manifestações propriamente ditas, e aos médiuns, forma, de certo modo, uma parte distinta da filosofia, podendo ser objeto de um estudo especial. Havendo tal parte recebido desenvolvimentos bastante consideráveis em consequência da experiência adquirida, julgamos por bem fazer dele um volume distinto, o qual contém as respostas *dadas a todas as questões relativas às manifestações e aos médiuns*, bem como numerosos comentários sobre o *Espiritismo prático*. Essa obra será a continuação ou o complemento de *O Livro dos Espíritos*.^{4, 5}

⁴ **N. de A. K.:** No prelo.

⁵ **N. do T.:** Allan Kardec se refere à futura publicação de *O Livro dos Médiuns* [1861].

INTRODUÇÃO

AO ESTUDO DA DOCTRINA ESPÍRITA

I

*P*ara coisas novas precisamos de palavras novas; assim o exige a clareza da linguagem, para evitarmos a confusão inerente ao sentido múltiplo dos mesmos termos. As palavras *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm acepção bem definida; dar-lhes uma nova, para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já tão numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite ter em si alguma coisa além da matéria é espiritualista; mas não se segue daí que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, empregaremos, para designar esta última crença, as palavras *espírita* e *espiritismo*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando ao vocábulo *espiritualismo* a sua acepção própria. Diremos, pois, que a Doutrina *Espírita* ou o *Espiritismo* tem por princípio as relações do

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas* ou, se quiserem, os *espíritistas*.

Como especialidade, *O Livro dos Espíritos* contém a Doutrina *Espírita*; como generalidade, prende-se à doutrina *espíritualista*, da qual apresenta uma das fases. Tal a razão por que traz no cabeçalho de seu título as palavras: *Filosofia Espíritualista*.

II

Há outra palavra sobre a qual importa igualmente que todos se entendam, porque é uma das pedras angulares de toda doutrina moral e objeto de inúmeras controvérsias, por falta de uma aceção bem determinada: a palavra *alma*. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma provém da aplicação particular que cada um faz desse vocábulo. Uma língua perfeita, em que cada idéia tivesse a sua representação por um termo próprio, evitaria muitas discussões; com uma palavra para cada coisa, todos se entenderiam.

Segundo uns, a alma é o princípio da vida material orgânica; não tem existência própria e cessa com a vida: é o materialismo puro. Neste sentido e por comparação, dizem de um instrumento rachado, que não produz mais som, que ele não tem alma. Conforme essa opinião, a alma seria um efeito e não uma causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve uma porção. Segundo esses, não haveria em todo o Universo senão uma só alma a distribuir centelhas entre os diversos seres inteligentes durante a vida destes; após a morte, cada centelha retorna à fonte comum, confundindo-se com o todo, como os regatos e

INTRODUÇÃO

os rios voltam ao mar, de onde saíram. Essa opinião difere da precedente em que, nesta hipótese, há em nós algo mais que a matéria, restando alguma coisa após a morte; mas, é quase como se nada restasse, visto que, não tendo mais individualidade, não mais teríamos consciência de nós mesmos. Dentro desta opinião, a alma universal seria Deus, e cada ser uma porção da Divindade; é uma variedade do *panteísmo*.

Segundo outros, enfim, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. Esta acepção é, sem contestação, a mais geral, porque, sob um nome ou outro, a idéia desse ser que sobrevive ao corpo se encontra em estado de crença instintiva, e independentemente de qualquer ensinamento, entre todos os povos, seja qual for o seu grau de civilização. Essa doutrina, segundo a qual a alma é *causa e não efeito*, é a dos *espiritualistas*.

Sem discutir o mérito dessas opiniões e considerando apenas o lado lingüístico da questão, diremos que estas três aplicações da palavra *alma* constituem três idéias distintas, que reclamariam cada uma um termo diferente. Essa palavra tem, pois, tríplice acepção e cada um tem razão, do seu ponto de vista, na definição que lhe dá; o mal decorre do fato de a língua não dispor senão de uma palavra para exprimir três idéias. A fim de evitar todo equívoco, seria necessário restringir-se a acepção da palavra *alma* a uma dessas três idéias; a escolha é indiferente, desde que todos se entendam, pois tudo isto é uma questão de convenção. Julgamos mais lógico tomá-la na sua acepção mais comum; por isso chamamos **alma** *ao ser imaterial e individual que reside em nós e sobrevive ao corpo*. Mesmo que esse ser não existisse e não passasse de um produto da imaginação, ainda assim seria preciso um termo para designá-lo.

Na falta de uma palavra especial para cada uma das duas outras idéias, chamaremos:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Princípio vital, o princípio da vida material e orgânica, seja qual for a sua fonte, e que é comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. O princípio vital é coisa distinta e independente, já que pode haver vida com exclusão da faculdade de pensar. A palavra *vitalidade* não daria a mesma idéia. Para uns, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se encontra em certas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a idéia mais comum, ele reside num fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parte durante a vida, como vemos os corpos inertes absorverem a luz. Esse seria, então, o *fluido vital* que, na opinião de alguns, não seria outro que o fluido elétrico animalizado, também designado por *fluido magnético*, *fluido nervoso*, etc.

Seja como for, há um fato que não se poderia contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e que ela independe da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; finalmente, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma, dotada de um senso moral especial que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana.

Concebe-se que, com uma acepção múltipla, a alma não exclui o materialismo, nem o panteísmo. O próprio espiritualista pode muito bem entender a alma segundo uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo do ser imaterial distinto, a que então dará um nome qualquer. Assim, essa palavra não representa uma opinião: é um proteu que cada um ajeita a seu bel-prazer. Daí tantas disputas intermináveis.

INTRODUÇÃO

Evitar-se-ia igualmente a confusão, mesmo se servindo da palavra *alma* nos três casos, desde que se lhe ajuntasse um qualificativo especificando o ponto de vista sob o qual a encarámos ou a aplicação que dela se faz. Esta teria, então, um termo genérico, que representaria ao mesmo tempo o princípio da vida material, da inteligência e do senso moral, que se distinguiriam por um atributo, como os *gases*, por exemplo, que se distinguem ajuntando-se-lhes as palavras *hidrogênio*, *oxigênio* ou *azoto*. Poder-se-ia, assim, dizer, e talvez fosse o melhor, a *alma vital* para designar o princípio da vida material, a *alma intelectual* para o princípio da inteligência, e a *alma espírita* para o princípio da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isto é uma questão de palavras, mas questão muito importante para nos entendermos. De acordo com isso, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* seria própria dos animais e dos homens, e a *alma espírita* pertenceria somente ao homem.

Julgamos dever insistir nestas explicações pela razão de que a Doutrina Espírita repousa naturalmente sobre a existência, em nós, de um ser independente da matéria e que sobrevive ao corpo. Devendo a palavra *alma* repetir-se freqüentemente no curso desta obra, importava ser fixada no sentido que lhe atribuímos, a fim de evitarmos qualquer engano.

Passemos, agora, ao objeto principal desta instrução preliminar.

III

A Doutrina Espírita, como toda novidade, tem seus adeptos e contraditores. Vamos tentar responder a algumas das objeções destes últimos, examinando o valor dos motivos em

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

que se apóiam, sem termos entretanto a pretensão de convencer a todos, pois há pessoas que acreditam que a luz foi feita somente para elas. Dirigimo-nos às pessoas de boa-fé, sem idéias preconcebidas ou irrevogáveis, mas sinceramente desejosas de se instruírem, e lhes demonstraremos que a maioria das objeções que fazem à Doutrina provém da observação incompleta dos fatos e de um julgamento feito com muita levandade e precipitação.

Recordemos inicialmente, em poucas palavras, a série progressiva dos fenômenos que deram origem a esta Doutrina.

O primeiro fato observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no vulgarmente pelo nome de *mesas girantes* ou *dança das mesas*. Este fenômeno, que parece ter sido observado primeiramente na América, ou, melhor, que se repetiu nesse país, porquanto a História prova que remonta à mais alta Antigüidade, produziu-se acompanhado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem causa ostensiva conhecida. Dali propagou-se rapidamente pela Europa e por outras partes do mundo; a princípio provocou muita incredulidade, mas, em breve, a multiplicidade das experiências não mais permitiu que se duvidasse da sua realidade.

Se esse fenômeno se tivesse limitado ao movimento de objetos materiais, poderia explicar-se por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da Natureza, ou todas as propriedades dos que conhecemos: a eletricidade, aliás, multiplica diariamente os recursos que proporciona ao homem e parece destinada a iluminar a Ciência com uma nova luz. Nada haveria, pois, de impossível em que a eletricidade modificada por certas circunstâncias, ou qualquer outro agente desconhecido, fosse a causa desse movimento. A reunião de muitas pessoas, aumentando o poder de ação, parecia apoiar essa teoria, visto ser possível considerar esse conjunto como uma pilha múltipla, cuja potência corresponde ao número de elementos.

INTRODUÇÃO

O movimento circular nada tinha de extraordinário: está na Natureza. Todos os astros se movem circularmente; poderíamos, pois, ter em pequena escala um reflexo do movimento geral do Universo, ou, melhor dizendo, uma causa, até então desconhecida, podendo produzir acidentalmente, com pequenos objetos e em certas circunstâncias, uma corrente análoga à que arrasta os mundos.

Mas o movimento nem sempre era circular; muitas vezes era brusco, desordenado, o objeto violentamente sacudido, derrubado, levado numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática, levantado do chão e mantido no espaço. Nada havia ainda nesses fatos que não pudesse ser explicado pelo poder de um agente físico invisível. Não vemos a eletricidade derrubar edifícios, arrancar árvores, atirar longe os corpos mais pesados, atraí-los ou repeli-los?

Supondo-se que os ruídos insólitos e as pancadas não fossem um dos efeitos ordinários da dilatação da madeira, ou de qualquer outra causa acidental, podiam muito bem ser produzidos pela acumulação de um fluido oculto: a eletricidade não produz os mais violentos ruídos?

Até aí, como se vê, tudo pode caber no domínio dos fatos puramente físicos e fisiológicos. Mesmo sem sair desse círculo de idéias, havia ali matéria de estudos sérios e dignos de prender a atenção dos sábios. Por que assim não aconteceu? É penoso dizê-lo, mas isso se deve a causas que provam, entre mil fatos semelhantes, a leviandade do espírito humano. De início, a vulgaridade do objeto principal que serviu de base às primeiras experiências talvez não lhes fosse estranha. Que influência não tem tido muitas vezes uma palavra sobre as coisas mais graves! Sem considerar que o movimento podia ser transmitido a um objeto qualquer, a idéia das mesas prevaleceu, talvez por ser o objeto mais cômodo e porque todos se sentam mais naturalmente em

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

volta de uma mesa do que de qualquer outro móvel. Ora, os homens superiores são às vezes tão pueris que não seria impossível a certos espíritos de escol se julgarem diminuídos, caso se ocupassem com o que se convencionara chamar a *dança das mesas*. É mesmo provável que se o fenômeno observado por Galvani o tivesse sido por homens vulgares e ficasse caracterizado por um nome burlesco, ainda estaria relegado ao lado da varinha mágica. Qual, com efeito, o sábio que não teria julgado uma indignidade ocupar-se com a *dança das rãs*?

Alguns, entretanto, bastante modestos para convirem em que a Natureza bem poderia não lhes ter dito a última palavra, quiseram ver, para tranqüilidade de suas consciências. Mas aconteceu que o fenômeno nem sempre lhes correspondeu à expectativa e, por não se ter produzido constantemente à vontade deles e segundo a sua maneira de experimentação, concluíram pela negativa. Apesar de sua sentença, as mesas – pois há mesas – continuam a girar e podemos dizer com Galileu: *e, contudo, elas se movem!* Diremos mais: os fatos se multiplicaram de tal modo que têm hoje direito de cidadania, não se tratando mais senão de encontrar-lhes uma explicação racional.

Pode-se deduzir alguma coisa contra a realidade do fenômeno pelo fato de ele nem sempre se produzir de maneira idêntica, segundo a vontade e as exigências do observador? Os fenômenos da eletricidade e da Química não estão subordinados a certas condições? E devemos negá-los, porque não se produzem fora dessas condições? Que há, pois, de surpreendente em que o fenômeno do movimento dos objetos pelo fluido humano também tenha as suas condições e deixe de se produzir quando o observador, colocando-se no seu ponto de vista, pretende fazê-lo seguir ao sabor de seu capricho ou sujeitá-lo às leis dos fenômenos conhecidos, sem

INTRODUÇÃO

considerar que para fatos novos pode e deve haver novas leis? Ora, para conhecer essas leis, é preciso estudar as circunstâncias em que os fatos se produzem e esse estudo não pode resultar senão de uma observação perseverante, atenta e por vezes muito longa.

Mas, objetam algumas pessoas, muitas vezes há fraudes evidentes. Perguntar-lhes-emos, em primeiro lugar, se estão bem certas de que haja fraudes e se não tomaram por fraudes efeitos que não podiam explicar, mais ou menos como o camponês que tomava um sábio professor de Física, a fazer experiências, por hábil escamoteador. Supondo mesmo que isso tenha ocorrido algumas vezes, seria razão para negar-se o fato? Dever-se-ia negar a Física, porque há prestidigitadores que se enfeitam com o título de físicos? É necessário, ao demais, levar em conta o caráter das pessoas e o interesse que possam ter em iludir. Seria, então, simples gracejo? Pode-se muito bem se divertir por algum tempo, mas um gracejo prolongado indefinidamente seria tão fastidioso para o mistificador, como para o mistificado. Haveria, além disso, numa mistificação que se propaga de um extremo a outro do mundo e entre as pessoas mais sérias, mais honradas e mais esclarecidas, alguma coisa ao menos tão extraordinária quanto o próprio fenômeno.

IV

Se os fenômenos de que nos ocupamos se tivessem limitado ao movimento dos objetos, teriam permanecido, como dissemos, no domínio das ciências físicas. Mas não foi isso que aconteceu: cabia-lhes colocar-nos na pista de fatos de ordem singular. Acreditaram haver descoberto, não sabemos pela iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era somente o produto de uma força mecânica cega, mas que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteli-

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

gente. Uma vez aberto, esse caminho era um campo inteiramente novo de observações; era o véu que se levantava de sobre muitos mistérios. Haverá, com efeito, uma potência inteligente? Tal a questão. Se essa potência existe, qual é ela, qual a sua natureza, a sua origem? Está acima da Humanidade? Tais são as outras questões que decorrem da primeira.

As primeiras manifestações inteligentes se produziram por meio de mesas que se levantavam e, com um dos pés, davam determinado número de pancadas, respondendo, desse modo, por *sim* ou por *não*, conforme fora convencionado, a uma questão proposta. Até aí, nada de seguramente convincente para os cépticos, porque podia acreditar-se num efeito do acaso. Em seguida, obtiveram-se respostas mais desenvolvidas por meio das letras do alfabeto: dando o objeto móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava-se a formar palavras e frases que respondiam às questões propostas. A exatidão das respostas e sua correlação com as perguntas causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era *Espírito* ou *gênio*, deu o seu nome e forneceu diversas informações a seu respeito. Esta é uma circunstância muito importante a notar. Ninguém havia então pensado nos *Espíritos* como um meio de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra. Em ciências exatas muitas vezes se formulam hipóteses para se ter uma base de raciocínio; ora, não é aqui o caso.

Esse meio de correspondência era demorado e incômodo. O Espírito, e isto é ainda uma circunstância digna de nota, indicou outro. Foi um desses invisíveis que aconselhou a adaptação de um lápis a uma cesta ou a outro objeto. A cesta, colocada sobre uma folha de papel, é posta em movimento pela mesma potência oculta que faz mover as mesas; mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traça por si

INTRODUÇÃO

mesmo caracteres formando palavras, frases e discursos inteiros de muitas páginas, tratando das mais altas questões de Filosofia, de Moral, de Metafísica, de Psicologia, etc., e com tanta rapidez como se escrevesse com a mão.

Esse conselho foi dado simultaneamente na América, na França e em diversos países. Eis em que termos o deram em Paris, a 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da Doutrina e que, havia muitos anos, desde 1849, se ocupava com a evocação dos Espíritos: “Vai buscar, no quarto ao lado, a cestinha; prende nela um lápis; coloca-a sobre o papel e põe teus dedos sobre a borda”. Alguns instantes após, a cesta se pôs em movimento e o lápis escreveu, de modo bem legível, esta frase: “O que vos digo aqui, eu vos proíbo expressamente de dizer a alguém. Da próxima vez que escrever, escreverei melhor”.

Como o objeto a que se adapta o lápis não passa de mero instrumento, sua forma e natureza são completamente indiferentes; procurou-se a disposição mais cômoda e foi assim que muitas pessoas passaram a usar uma prancheta.

A cesta ou a prancheta só podem ser postas em movimento sob a influência de certas pessoas, dotadas, para isso, de um poder especial, as quais se designam pelo nome de *médiuns*, isto é, meios ou intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições que facultam esse poder se prendem a causas ao mesmo tempo físicas e morais, ainda imperfeitamente conhecidas, porquanto se encontram médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. Essa faculdade, entretanto, se desenvolve pelo exercício.

V

Reconheceu-se mais tarde que a cesta e a prancheta não eram, realmente, mais do que um apêndice da mão; e o mé-

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

dium, tomando diretamente do lápis, pôs-se a escrever por um impulso involuntário e quase febril. Por esse meio as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas; é hoje o meio mais difundido, tanto mais que o número das pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável e se multiplica todos os dias. Finalmente, a experiência deu a conhecer muitas outras variedades da faculdade mediúnica, e soube-se que as comunicações podiam igualmente efetuar-se pela palavra, pela audição, pela visão, pelo tato, etc., e até pela escrita direta dos Espíritos, isto é, sem o concurso da mão do médium, nem do lápis.

Obtido o fato, restava constatar um ponto essencial: o papel do médium nas respostas e a parte que nelas pode tomar, mecânica e moralmente. Duas circunstâncias capitais, que não escapariam a um observador atento, podem resolver a questão. A primeira é o modo pelo qual a cesta se move sob a sua influência, pela simples imposição dos dedos sobre a borda; o exame demonstra a impossibilidade de o médium imprimir uma direção qualquer à cesta. Essa impossibilidade se patenteia, sobretudo, quando duas ou três pessoas colocam os dedos, ao mesmo tempo, na mesma cesta; seria preciso entre elas uma concordância de movimentos verdadeiramente fenomenal; além disso, seria preciso a concordância dos pensamentos para que pudessem entender-se sobre a resposta a dar à questão formulada. Outro fato, não menos singular, vem aumentar ainda mais a dificuldade. É a mudança radical da caligrafia, conforme o Espírito que se manifesta, reproduzindo-se a escrita todas as vezes que o mesmo Espírito retorna. Seria, pois, necessário que o médium se aplicasse a mudar sua própria letra de vinte maneiras diferentes e, sobretudo, que pudesse lembrar-se da que pertence a este ou àquele Espírito.

A segunda circunstância resulta da própria natureza das respostas que, na maioria das vezes, sobretudo quando se

INTRODUÇÃO

trata de questões abstratas ou científicas, estão notoriamente fora dos conhecimentos e, algumas vezes, além do alcance intelectual do médium; que este, como geralmente sucede, não tem consciência do que escreve sob a influência do Espírito; que, freqüentemente, não entende ou não compreende a questão proposta, já que pode ser feita numa língua que lhe seja estranha, ou mesmo mentalmente, podendo a resposta ser dada nesse idioma. Enfim, muitas vezes acontece que a cesta escreva espontaneamente, sem que se haja feito pergunta alguma, sobre um assunto qualquer e inteiramente inesperado.

Em alguns casos, essas respostas revelam tal cunho de sabedoria, de profundidade e de oportunidade, pensamentos tão elevados e tão sublimes, que não podem emanar senão de uma Inteligência Superior, impregnada da mais pura moralidade. De outras vezes são tão levianas, tão frívolas, tão triviais mesmo, que a razão se recusa a acreditar que possam proceder da mesma fonte. Tal diversidade de linguagem não se pode explicar senão pela diversidade das inteligências que se manifestam. Essas inteligências estão na Humanidade ou fora da Humanidade? Este o ponto a esclarecer e cuja explicação completa se encontrará nesta obra, tal como foi dada pelos próprios Espíritos.

Eis, pois, efeitos patentes que se produzem fora do círculo habitual de nossas observações; que não ocorrem misteriosamente, mas à luz do dia; que todos podem ver e constatar; que não são privilégio de nenhum indivíduo e que milhares de pessoas repetem à vontade todos os dias. Esses efeitos têm necessariamente uma causa e, desde que revelam a ação de uma inteligência e de uma vontade, saem do domínio puramente físico.

Muitas teorias foram formuladas a respeito. Vamos examiná-las daqui a pouco e veremos se podem explicar a razão de

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

todos os fatos que se produzem. Admitamos por enquanto a existência de seres distintos da Humanidade, pois é essa a explicação fornecida pelas Inteligências que se revelam, e vejamos o que eles nos dizem.

VI

Como dissemos, os seres que assim se comunicam designaram-se a si mesmos pelo nome de Espíritos ou Gênios, e como tendo pertencido, alguns pelo menos, a homens que viveram na Terra. Eles constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante a nossa vida, o mundo corporal.

Resumimos aqui, em poucas palavras, os pontos mais importantes da doutrina que nos transmitiram, a fim de mais facilmente respondermos a certas objeções.

“Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.

“Criou o Universo, que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.

“Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal, e os seres imateriais o mundo invisível ou espiritual, isto é, dos Espíritos.

“O mundo espiritual é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.

“O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter existido jamais, sem alterar a essência do mundo espiritual.

“Os Espíritos revestem temporariamente um envoltório material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade.

INTRODUÇÃO

“Entre as diferentes espécies de seres corporais, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a certo grau de desenvolvimento, o que lhe dá superioridade moral e intelectual sobre as demais.

“A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório.

“Há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.

“Tem assim o homem duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, dos quais tem os instintos; pela alma, participa da natureza dos Espíritos.

“O laço ou *perispírito*, que une ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que se pode tornar acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições.

“O Espírito não é, deste modo, um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, pode ser apreciado pelos sentidos da *visão*, da *audição* e do *tato*.

“Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos Superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e por seu amor do bem: são os anjos ou Espíritos puros. As demais classes se distanciam cada vez

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

mais dessa perfeição. Os das classes inferiores são inclinados à maioria das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc.; comparam-se no mal. Entre eles há os que não são nem muito bons nem muito maus, antes trapalhões e inconvenientes do que perversos; a malícia e as incoseqüências parecem as suas principais características: são os Espíritos estouvados ou levianos.

“Os Espíritos não pertencem eternamente à mesma ordem. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação e a outros como missão. A vida material é uma prova a que devem submeter-se várias vezes, até que hajam atingido a perfeição absoluta. É uma espécie de peneira ou depurador, de onde saem mais ou menos purificados.

“Deixando o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, de onde havia saído, para recomeçar uma nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece no estado de Espírito errante.⁶

“Tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, conclui-se que todos nós tivemos muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos.

“A encarnação dos Espíritos ocorre sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal.

⁶ **N. de A. K.:** Entre a doutrina da reencarnação e a da metempsicose, tal como a admitem algumas seitas, há uma diferença característica que será explicada no curso desta obra.

INTRODUÇÃO

“As diferentes existências corporais do Espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas; mas a rapidez do progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição.

“As qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um Espírito bom e o homem perverso a de um Espírito impuro.

“A alma tinha sua individualidade antes de encarnar e a conserva depois que se separa do corpo.

“Na sua volta ao mundo dos Espíritos, a alma encontra todos aqueles que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores se refletem na sua memória, com a lembrança de todo bem e de todo mal que fez.

“O Espírito encarnado está sob a influência da matéria. O homem que supera essa influência, pela elevação e depuração de sua alma, aproxima-se dos bons Espíritos com os quais estará um dia. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões, e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros, se aproxima dos Espíritos impuros, dando preponderância à natureza animal.

“Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo.

“Os Espíritos não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos sem cessar. É toda uma população invisível que se agita em torno de nós.

“Os Espíritos exercem sobre o mundo moral, e mesmo sobre o mundo físico, uma ação incessante. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das forças da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até agora inexplicados ou mal explicados e que não encontram solução racional senão no Espiritismo.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

“As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos incitam ao bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: é para eles um prazer ver-nos sucumbir e nos identificar com eles.

“As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas ocorrem pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso julgamento discernir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, na maioria das vezes pelos médiuns que lhes servem de instrumento.

“Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou por evocação. Podemos evocar todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, de nossos amigos ou inimigos, e deles obter, por meio de comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a sua situação no além-túmulo, seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos.

“Os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos Superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero de instruir-se e melhorar-se. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, ao contrário, encontram livre acesso e podem agir com toda liberdade entre pessoas frívolas ou guiadas apenas pela curiosidade, e por toda parte onde encontrem maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou informações úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto ou mistificações, pois muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro.

INTRODUÇÃO

“Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. A linguagem dos Espíritos Superiores é constantemente digna, nobre, marcada pela mais alta moralidade, isenta de qualquer paixão inferior; seus conselhos revelam a mais pura sabedoria e têm sempre por objetivo o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconstante, muitas vezes trivial e mesmo grosseira; se por vezes dizem coisas boas e verdadeiras, em muitas outras dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Zombam da credulidade e se divertem à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade e embalando-lhes os desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na total acepção do termo, só são dadas nos centros sérios, naqueles cujos membros estão unidos por uma íntima comunhão de pensamentos, tendo em vista o bem.

“A moral dos Espíritos Superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. O homem encontra neste princípio a regra universal de conduta, mesmo para as suas menores ações.

“Eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que o homem que, desde este mundo, se desliga da matéria pelo desprezo das futilidades mundanas e pelo amor ao próximo, aproxima-se da natureza espiritual; que cada um de nós deve tornar-se útil segundo as faculdades e os meios que Deus nos colocou nas mãos para nos provar; que o Forte e o Poderoso devem apoio e proteção ao Fraco, porque aquele que abusa da sua força e do seu poder para oprimir o seu semelhante viola a lei de Deus. Ensinam, finalmente, que no mundo dos Espíritos nada podendo estar oculto, o hipócrita será desmascarado e todas as suas torpezas descobertas; que a presença inevitável, e de todos os

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

instantes, daqueles para com quem agimos mal é um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e de superioridade dos Espíritos correspondem penas e gozos que nos são desconhecidos na Terra.

“Mas, eles também nos ensinam que não há faltas irremissíveis que a expiação não possa apagar. O homem encontra o meio de consegui-lo nas diferentes existências que lhe permitem avançar, segundo seu desejo e seus esforços, na senda do progresso, rumo à perfeição, que é o seu objetivo final.”

Este é o resumo da Doutrina Espírita, como resulta dos ensinamentos dados pelos Espíritos Superiores. Vejamos agora as objeções que se lhe opõem.

VII

Para muita gente, a oposição das corporações científicas constitui, quando não uma prova, pelo menos forte presunção contrária. Não somos dos que se rebelam contra os sábios, pois não queremos que digam que os insultamos; ao contrário, nós os temos em grande estima e ficaríamos muito honrados se fôssemos contados entre eles. Mas a opinião deles não pode representar, em todas as circunstâncias, uma sentença irrevogável.

Desde que a Ciência sai da observação material dos fatos e trata de os apreciar e explicar, o campo está aberto às conjecturas. Cada um constrói o seu sistemazinho, que deseja fazer prevalecer e o sustenta com obstinação. Não vemos diariamente as opiniões mais contraditórias serem alternativamente preconizadas e rejeitadas, ora repelidas como erros absurdos e depois proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos julgamentos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem prudente.

INTRODUÇÃO

No tocante às coisas notórias, a opinião dos sábios é, com toda razão, digna de fé, pois eles sabem mais e melhor do que o vulgo. Mas, em termos de princípios novos, de coisas desconhecidas, sua maneira de ver quase sempre é hipotética, porque não estão mais livres de preconceitos do que os outros. Direi mesmo que o sábio talvez tenha mais preconceitos que qualquer outro, pois uma propensão natural o leva a subordinar tudo ao ponto de vista em que se especializou: o matemático não vê prova senão numa demonstração algébrica, o químico refere tudo à ação dos elementos, etc. Todo homem que faz uma especialidade, a ela se aferra com todas as suas forças. Tirai-o daí e o vereis quase sempre delirar, por querer submeter tudo ao mesmo crivo; é uma consequência da fraqueza humana. Consultarei, pois, de bom grado e com toda a confiança, um químico sobre uma questão de análise, um físico sobre a força elétrica, um mecânico sobre uma força motriz; mas eles me permitirão, sem que isso afete a estima a que têm direito por seu saber especial, que eu não tenha em melhor conta suas opiniões negativas sobre o Espiritismo, do que o parecer de um arquiteto sobre uma questão de música.

As ciências vulgares se apóiam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular à vontade; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências que têm vontade própria e que nos provam a todo instante não se acharem subordinadas ao nosso capricho. As observações, portanto, não podem ser feitas da mesma maneira; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência propriamente dita, como ciência, é, pois, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e seu julgamento, seja qual for, favorável ou não, nenhum peso poderá ter. O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que os sábios, como indivíduos, podem adquirir, abstra-

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

ção feita da sua qualidade de sábios. Querer, porém, deferir a questão à Ciência equivaleria a querer que a existência da alma fosse decidida por uma assembléia de físicos ou de astrônomos. Com efeito, o Espiritismo está todo inteiro na existência da alma e no seu estado depois da morte. Ora, é soberanamente ilógico pensar que o homem deva ser um grande psicólogo, porque é um grande matemático ou um grande anatomista. Dissecando o corpo humano, o anatomista procura a alma e, porque não a encontra com o seu escalpelo, como encontra um nervo, ou porque não a vê evolir-se como um gás, conclui que ela não existe, visto colocar-se num ponto de vista exclusivamente material. Segue-se que tenha razão contra a opinião universal? Não. Vê-se, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da Ciência.

Quando as crenças espíritas estiverem vulgarizadas, quando forem aceitas pelas massas – e, a julgar pela rapidez com que se propagam, esse tempo não está muito longe – dar-se-á com elas o que se tem dado com todas as idéias novas que encontraram oposição: os sábios se renderão à evidência. A ela chegarão individualmente, pela força das coisas. Até então será intempestivo desviá-los de seus trabalhos especiais, para os constranger a se ocuparem com uma coisa estranha, que não está nas suas atribuições, nem no seu programa. Enquanto isso, os que, sem estudo prévio e aprofundado da matéria, se pronunciam pela negativa e ridicularizam os que não pensam como eles, esquecem que assim sucedeu com a maior parte das grandes descobertas que honram a Humanidade. Expõem-se a ver seus nomes aumentando a lista dos ilustres proscritores das idéias novas e inscritos ao lado dos membros da douta assembléia que, em 1752, acolheu com imensa gargalhada a memória de Franklin sobre os pára-raios, julgando-a indigna de figurar entre as comunicações que lhe eram dirigidas; e dos daquela outra que fez a França perder as vantagens da iniciativa da marinha a vapor,

INTRODUÇÃO

declarando o sistema de Fulton um sonho impraticável; e, contudo, essas eram questões de sua alçada. Se, pois, essas assembleias, que contavam em seu seio a elite dos sábios do mundo, só tiveram a zombaria e o sarcasmo para idéias que não compreendiam, idéias que, alguns anos mais tarde, deviam revolucionar a Ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão estranha aos seus trabalhos obtenha mais favor?

Esses erros de alguns sábios, lamentáveis à memória de cada um, não poderiam tirar-lhes os títulos que, noutros assuntos, conquistaram à nossa estima; mas, será preciso diploma oficial para se ter bom senso? E não haverá fora das cátedras acadêmicas senão tolos e imbecis? Que se dignem lançar os olhos para os adeptos da Doutrina Espírita, a fim de verem se entre eles só existem ignorantes e se o número imenso de homens de mérito que a têm abraçado permite relegá-la ao rol das crenças vulgares. O caráter, o saber desses homens merece que se diga: já que eles afirmam, deve pelo menos haver alguma coisa.

Repetimos ainda que, se os fatos de que nos ocupamos se houvessem restringido ao movimento mecânico dos corpos, a pesquisa da causa física desse fenômeno entraria no domínio da Ciência. Mas, desde que se trata de uma manifestação fora das leis da Humanidade, ela escapa à competência da ciência material, porque não pode ser explicada por algarismos, nem por uma força mecânica. Quando surge um fato novo, que não tem relação com nenhuma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo, deve fazer abstração de sua ciência e dizer a si mesmo que se trata de um estudo novo, impossível de ser feito com idéias preconcebidas.

O homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro. Mesmo aqueles que têm as mais falsas idéias se apóiam na própria razão, rejeitando, em virtude disso, tudo o que

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

lhes parece impossível. Os que outrora repeliram as admiráveis descobertas de que a Humanidade se honra, todos apelaram a esse juiz para as rejeitar. O que se chama razão não é muitas vezes senão orgulho disfarçado e quem quer que se considere infalível coloca-se como igual a Deus. Dirigimo-nos, pois, aos que são bastante ponderados para duvidar do que não viram e que, julgando o futuro pelo passado, não crêem que o homem haja chegado ao apogeu, nem que a Natureza lhe tenha virado a última página de seu livro.

VIII

Acrescentemos que o estudo de uma doutrina, tal como a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova e tão grande, não pode ser realizado com proveito senão por homens sérios, perseverantes, isentos de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não poderíamos dar essa qualificação aos que julgam *a priori*, levemente e sem tudo ter visto; que não imprimem a seus estudos a continuidade, a regularidade e o recolhimento necessários. Ainda menos poderíamos dá-los a certas pessoas que, para não perderem a sua reputação de homens de espírito, se esforçam por encontrar um lado burlesco nas coisas mais verdadeiras, ou tidas como tais por pessoas cujo saber, caráter e convicções merecem a consideração dos que se prezam de bem-educados. Que se abstenham, portanto, os que entendem que os fatos não são dignos de sua atenção; ninguém pensa violentar-lhes a crença, mas que respeitem a dos outros.

O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá. Devemos admirar-nos de não obter, com freqüência, nenhuma resposta sensata a questões de si mesmas graves, quando as fazemos ao acaso e à queima-roupa, em meio a

INTRODUÇÃO

uma enxurrada de perguntas extravagantes? Além disso, acontece muitas vezes que uma questão complexa, para ser esclarecida, exige outras preliminares ou complementares. Quem quer adquirir uma ciência deve fazer um estudo metódico dela, começar pelo princípio e seguir o encadeamento e o desenvolvimento das idéias. Aquele que dirige a um sábio, ao acaso, perguntas acerca de uma ciência cujas primeiras palavras ignore, colherá algum proveito? Poderá o próprio sábio, por maior que seja a sua boa vontade, dar-lhe resposta satisfatória? Essa resposta isolada será forçosamente incompleta e, por isso mesmo, quase sempre ininteligível, ou parecerá absurda e contraditória. Dá-se exatamente o mesmo nas relações que estabelecemos com os Espíritos. Se quisermos nos instruir na sua escola, com eles devemos fazer um curso; mas, como entre nós, é preciso escolher os professores e trabalhar com assiduidade.

Dissemos que os Espíritos Superiores só comparecem às reuniões sérias, sobretudo àquelas em que reina perfeita comunhão de pensamentos e de sentimentos para o bem. A leviandade e as questões ociosas os afastam, como, entre os homens, afastam as pessoas criteriosas; o campo fica, então, livre à turba dos Espíritos mentirosos e frívolos, sempre à espreita de ocasiões para zombarem de nós e se divertirem à nossa custa. O que sucederia, numa reunião dessas, a uma pergunta grave? Seria respondida; mas, por quem? É como se no meio de um bando de galhofeiros lançássemos estas questões: Que é a alma? Que é a morte? e outras tão recreativas quanto essas. Se quereis respostas sérias, sede sérios vós mesmos na mais ampla acepção do termo e procurai preencher todas as condições requeridas; só então obtereis grandes coisas. Sede mais laboriosos e perseverantes nos vossos estudos, a fim de que os Espíritos Superiores não vos abandonem, como faz um professor com os alunos negligentes.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

IX

O movimento dos objetos é um fato comprovado. A questão é saber se, nesse movimento, há ou não uma manifestação inteligente e, em caso afirmativo, qual a origem de tal manifestação.

Não falamos do movimento inteligente de certos objetos, nem das comunicações verbais, nem mesmo das que o médium escreve diretamente. Este gênero de manifestação, evidente para os que viram e aprofundaram o assunto, não é, à primeira vista, bastante independente da vontade para firmar a convicção de um observador novato. Não trataremos, portanto, senão da escrita obtida com o auxílio de um objeto qualquer munido de um lápis, tal como a cesta, a prancheta, etc. A maneira pela qual os dedos do médium são postos sobre o objeto desafia, como já dissemos, a mais perfeita destreza de sua parte em poder participar, de algum modo, no traçado das letras. Mas, admitamos ainda que, por uma habilidade maravilhosa, possa ele enganar os olhos mais atentos; como explicar a natureza das respostas, quando estão muito além de todas as idéias e conhecimentos do médium? E note-se que não se trata de respostas monossilábicas, mas, freqüentemente, de muitas páginas escritas com admirável rapidez, quer espontaneamente, quer sobre determinado assunto. Pela mão do médium menos versado em literatura, surgem algumas vezes poesias de sublimidade e pureza impecáveis, que os melhores poetas humanos não desaprovariam. E o que aumenta ainda mais a estranheza desses fatos é que eles se produzem por toda parte e que os médiuns se multiplicam ao infinito. Esses fatos são reais ou não? Para esta pergunta só temos uma resposta: vede e observai; não vos faltarão oportunidades; mas, sobretudo, observai muitas vezes, por longo tempo e de acordo com as condições exigidas.

INTRODUÇÃO

Diante da evidência, que respondem os antagonistas? Sois vítimas do charlatanismo, dizem eles, ou joguete de uma ilusão. Diremos, para começar, que é preciso afastar a palavra *charlatanismo* daquilo que não rende lucros; os charlatães não trabalham de graça. Seria, quando muito, uma mistificação. Mas, por que singular coincidência esses mistificadores se teriam entendido de um extremo a outro do mundo, para agir do mesmo modo, produzir os mesmos efeitos e, sobre os mesmos assuntos e em diversas línguas, dar respostas idênticas, se não quanto à forma, pelo menos quanto ao sentido? Como é que pessoas sérias, honradas e instruídas se prestariam a semelhantes manobras? E com que fim? Como achar em crianças a paciência e a habilidade necessárias? Porque, se os médiuns não são instrumentos passivos, é preciso que tenham habilidade e conhecimentos incompatíveis com uma certa idade e certas posições sociais.

Então acrescentam que, se não há fraude, os dois lados podem ser vítimas de uma ilusão. Em boa lógica, a qualidade das testemunhas tem um certo peso; ora, é o caso de perguntar se a Doutrina Espírita, que conta hoje milhões de adeptos, só os recruta entre os ignorantes? Os fenômenos em que ela se apóia são tão extraordinários que concebemos a dúvida. Porém, o que não se poderia admitir é a pretensão de certos incrédulos ao monopólio do bom senso e que, sem respeito às conveniências e ao valor moral dos adversários, tachem de ineptos, sem a menor cerimônia, os que não concordam com os seus pareceres. Aos olhos de qualquer criatura judiciosa, a opinião de pessoas esclarecidas que por muito tempo viram, estudaram e meditaram um fato, constituirá sempre, quando não uma prova, pelo menos uma presunção a seu favor, já que pode prender a atenção de homens sérios que não têm interesse em propagar erros, nem tempo a perder com futilidades.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

X

Entre as objeções, algumas são mais sedutoras, ao menos na aparência, porque colhidas da observação e feitas por pessoas sérias.

Uma dessas objeções é que a linguagem de certos Espíritos não parece digna da elevação que se atribui a seres sobrenaturais. Quem se reportar ao resumo da doutrina, acima apresentado, verá que os próprios Espíritos nos ensinam que não são iguais em conhecimento, nem em qualidades morais, e que não se deve tomar ao pé da letra tudo quanto dizem. Cabe às pessoas sensatas separar o bom do mau. Seguramente, os que deduzem desse fato que só lidamos com seres malfazejos, cuja única ocupação é mistificar, não conhecem as comunicações que são dadas nas reuniões onde só se manifestam Espíritos Superiores; de outro modo não pensariam assim. É lamentável que o acaso os tenha servido tão mal, não lhes mostrando senão o lado mau do mundo espiritual, pois não queremos supor que uma tendência simpática atraia para eles, em vez dos bons, os maus Espíritos, os Espíritos mentirosos, ou aqueles cuja linguagem é de revoltante grosseria. Poder-se-ia, no máximo, concluir que a solidez dos princípios dessas pessoas não é bastante forte para afastar o mal e que, achando certo prazer em lhes satisfazer a curiosidade, os maus Espíritos disso se aproveitam para se insinuar entre elas, enquanto os bons se afastam.

Julgar a questão dos Espíritos por esses fatos seria tão pouco lógico quanto julgar o caráter de um povo pelo que se diz e faz numa reunião de estouvados ou de gente de má fama, da qual nem participam os sábios, nem as pessoas sensatas. Essas criaturas se encontram na situação de um estrangeiro que, chegando a uma grande capital pelo mais desprezível de